

INTRODUÇÃO

Francisco António Lourenço Vaz
Sara Marques Pereira

A Universidade de Évora foi fundada em 1559, num contexto cultural marcado pela afirmação do humanismo renascentista e das ideias da modernidade, tendo como finalidade a formação de uma elite capaz de responder aos desafios que o país e a Igreja enfrentavam, não apenas na metrópole mas também no vastíssimo império português. Nos duzentos anos que se seguiram à data da fundação, sob os auspícios da Companhia de Jesus, formaram-se na universidade milhares de alunos, que depois se distinguiram em vários campos do saber de que são bons exemplos Manuel Severim de Faria e Luís António Verney, e leccionaram nela professores, que alcançaram fama internacional como Luís de Molina, Fernão Rebelo, Francisco de Mendonça, Francisco Vaz, Sebastião do Couto e muitos outros.

Em 1759, o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas e a Universidade de Évora foi extinta. Contudo, a vocação pedagógica do estabelecimento, o seu o espírito universalista e a continuidade dos estudos mantiveram-se no espaço físico da universidade, o Colégio do Espírito Santo. No tempo do Marquês de Pombal, o Colégio acolheu o ensino dado pelos professores régios nomeados pelo governo e, a partir de 1776, passou para a Terceira Ordem de S. Francisco que aqui manteve estudos, sob a protecção do Arcebispo de Évora, D. Manuel do Cenáculo. Com as reformas pedagógicas do liberalismo, foi o Colégio do Espírito Santo escolhido para albergar a Casa Pia de Évora e o Liceu Nacional de Évora, institutos que muito contribuíram para a instrução de milhares de jovens eborenses. O triunfo da sociedade democrática trouxe como consequência a refundação da Universidade de Évora, em 1979, como instituição vocacionada para o ensino superior.

No sentido de comemorar de forma digna os 450 anos da sua fundação, a Universidade promoveu em 2009 um Congresso Internacional, onde se reuniram os especialistas mais credenciados que têm investigado o passado da Universidade em diversas áreas do conhecimento. O congresso tinha como principal finalidade criar saber sobre a História da Universidade de Évora, para com base na memória do passado contribuir para resolver os problemas do presente.

Neste livro reunimos o essencial das comunicações apresentadas com os textos da autoria dos congressistas agrupadas em áreas temáticas e das quais apresentamos de seguida uma breve sinopse.

1. A Companhia de Jesus e a Universidade de Évora (1559-1759)

A pedagogia dos jesuítas tem sido objecto de diversas análises por parte da historiografia, a ponto de podermos dizer que, à semelhança da Inquisição, também para os jesuítas se afirmou na historiografia uma “lenda negra” e uma “lenda branca”. No primeiro caso estão aqueles que defendem que o ensino e pedagogia dos inicianos estava ao serviço do conservadorismo católico, da contra-reforma, e era incapaz de veicular nos seus estabelecimentos o pensamento científico moderno, nomeadamente, o ensino da Física e da História Natural. Do outro lado, os defensores da lenda branca vêem no ensino e pedagogia dos jesuítas o expoente máximo da modernidade e são incapazes de reconhecer o peso da tradição e do sentido ortodoxo que imperava nas escolas dos jesuítas¹.

Entendemos que neste domínio importa apelar às ideias e aos contextos históricos em que a fundação e acção posterior da Companhia se desenvolveu. O primeiro aspecto que gostaríamos de recordar, é que a Companhia de Jesus, desde a sua génese, está associada ao ambiente universitário e portanto em perfeita sintonia com o debate que em meados de quinhentos animava os intelectuais europeus. Inácio de Loiola, chegado a Paris por volta de 1534, frequentou o mesmo Colégio universitário que João Calvino e Rabelais, seguindo as lições dos mesmos mestres e assimilando as mesmas “verdades científicas do momento”². Inácio de Loiola pode acompanhar o grande confronto que então marcava a agenda universitária, entre os defensores das ideias evangélicas, de Lutero, Calvino, Melancton e Zuinglo, e os teólogos da Sorbonne, os papistas, que insistiam na ortodoxia e na autoridade da Igreja e dos seus ministros para ler e interpretar a Bíblia. E o veterano espanhol tomou partido: o partido da fidelidade e obediência à Igreja Católica. Esse partido implicava uma renúncia a dar aos crentes a possibilidade de lerem directamente a Sagrada Escritura e de em consciência seguirem os ensinamentos, particularmente os ensinamentos evangélicos. E ciente da necessidade de defender a Igreja, dos ataques dos reformistas, Inácio de Loiola, ainda em Paris, no ano de 1534 na capela de Monmartre, funda com Francisco Xavier e mais outros cinco colegas a Companhia de Jesus³.

Esta génese “universitária” marca, em nossa opinião, todo o desenvolvimento e acção da Companhia de Jesus e implica um compromisso a nível do ensino e pedagogia. Com-

¹ Relativamente ao confronto entre as duas correntes, veja-se BRAGA, 1898 e GOMES, 1960.

² «Talvez Calvino se tivesse sentado mais de uma vez no mesmo banco de Inácio de Loiola, seu antigo discípulo no Colégio de Mointagu, de Pierre Lefevre e de Francisco Xavier que, ambos sabemo-lo de boa fonte seguiram as aulas de Grego nessa época! Estranha reunião a desses quatro homens, aos quais Rabelais veio sem dúvida juntar-se mais de uma vez, durante as suas estadias na capital. É sem dúvida um momento único na história, esse em que três apóstolos, Calvino, Loiola e Rabelais (este foi também um a sua maneira) puderam encontrar-se lado a lado, aos pés de uma cátedra». DENIMAL, cit de: Abel Lefranc, *Histoire du College de France, depuis ses origines jusqu'à la fin du Premier Empire*, 1893. p. 277.

promisso esse que passou por refutar a atitude crítica do espírito humanista, de Erasmo, de Maquiavel ou de Thomas More, mas ao mesmo tempo exigia uma profunda reforma da Igreja Católica, sobretudo a nível da disciplina eclesiástica, definição clara dos dogmas e apelou a uma urgente necessidade de missionação e evangelização dos povos. Esta última ideia pode ser resumida no pressuposto de que se a Igreja perdia terreno na Europa, particularmente nos países do norte, era preciso salvaguardar os povos europeus do sul, e ir recrutar mais crentes entre os gentios, nas grandes áreas coloniais de Portugal e de Espanha. Assumiu-se assim uma vocação pedagógica e missionária para a Companhia: primeiro a formação de um “exército de missionários”, depois a criação de missões para evangelizar os gentios.

Mas o compromisso, em consonância com os fins da Companhia, permitiu abrir o espírito ao saber prático das ciências abstractas: a Geometria, a Matemática e parcelarmente a alguns princípios da Física moderna. Porque esses ensinamentos abstractos, podem ser úteis e não põem em causa o dogma. Relativamente à Física, a questão não é tão linear, uma vez que alguns princípios da Física questionam as verdades da Fé, daí que só parcelarmente, e na primeira metade de setecentos, é que se encontram no ensino dos jesuítas laivos de adesão a Física moderna, como a existência de vácuo ou o peso do ar. No resto, ou seja, a Física de Newton, Kepler e Galileu não é assunto que se encontre nos manuais dos jesuítas, quer na Universidade de Évora quer nos restantes Colégios onde exercem o seu magistério.

Os diferentes estudos que agora se publicam permitem aprofundar a problemática em torno do ensino e pedagogia dos jesuítas e também integrá-la no contexto universitário e dar um painel onde se destacam a modernidade, mas também a persistência de uma ortodoxia ao serviço da Igreja e da Monarquia.

2. O Espaço e Arquitectura da Universidade

A traça arquitectónica do Colégio do Espírito Santo, com os seus claustros, onde sobressai o designado pátio de estudos, as suas salas azulejadas com motivos pedagógicos de grande apelo ao ensino, pesaram decisivamente na manutenção dos estudos e, já bem entrado o século XIX, na escolha deste espaço para instalar o Liceu e a Casa Pia. As qualidades intrínsecas do colégio estiveram na origem da doação e afectação do espaço as aulas ministradas pelos professores régios:

³ «Enquanto Paris fervilhava de ameaças contra protestantes, a 15 de Agosto de 1534, na capela de Montmartre, sete homens assumiam solenemente o compromisso de proteger o Cristo e de salvaguardar a sua mensagem no seio da Igreja católica. O líder do grupo não era outro senão Lóiola. Ao fazer um juramento de pobreza e castidade, o grupo fundou nesse dia a companhia de Jesus, cuja primeira missão era o apoio incondicional a Roma no seu programa de Contra-Reforma». DENIMAL, ob. cit. p. 133.

Eu El Rei faço saber a vos Jerónimo de Leonor Monteiro Desembargador da Casa da Suplicação que atendendo a ser muito conveniente, que os Professores Régios que se acham nessa cidade de Évora, ensinando Gramática Latina, vão exercitar o seu Magistério nas Aulas, em que ensinavam os Regulares da Companhia denominada de Jesus, por serem as casas mais capazes de caberem os estudantes, e de estarem sempre em vista de seus Mestres. Sou servido ordenar julgueis por prontas as classes, que forem necessárias para os Professores Régios irem exercitar nelas os seus Magistérios, existindo ainda a guarda que havia antigamente. Sendo capaz de continuar a conservareis para quem ter o cuidado de abrir, e fechar as portas competentes e trazer as classes com o asseio que lhe é devido. Escrita no Palácio de N. Senhora da Ajuda aos dois de Maio de 1760= Rei = para Jerónimo de Leonor Monteiro⁴.

D. Frei Vicente Salgado, que chegou à Évora em 1776 para tomar posse do Colégio e suas dependências em nome do Geral da Terceira Ordem de S. Francisco, expressou de forma exemplar o agrado e tranquilidade que o Claustro principal, o designado Patio de Estudos lhe inspirava:

O Pátio da Universidade é digno, e obra que salta bem á vista, sempre agradável, e que não enfada. Entra-se por fora por uma porta de respeito elevada, e de majestade, com duas colunas de mais de 20 palmos, suas bases; tímpano, ou cornija digna, e a figura de Espírito Santo no meio (...) Tem este Geral uma grande fonte no meio com a estátua de Minerva em cima tudo de gosto excelente, mas dos nossos tempos: forma duas bacias uma maior que outra de pedra inteiriças: o tanque em que cai água é oitavado, e com um risco digno, e de muito bom gosto, tudo de mármore.

Sobre as modificações que o tempo e as circunstâncias, criadas pelos que sucessivamente ocuparam os edifícios, nos falam os estudos deste painel, e que trazem elementos novos pelas imagens e textos que coligiram para melhor compreensão das tendências artísticas e motivos que presidiram às alterações e ocupação do espaço.

3. Da Extinção à Refundação da Universidade (1759-1979)

A extinção da Universidade de Évora em 1759 deve ser integrada no contexto político e cultural do governo pombalino, ou como alguns tem referido no projecto político pombalino, que se orientava pelos objectivos da centralização política e reforço do poder do

⁴ FARINHA, 1778, cit. VAZ, 1996-1997, p. 482. E depois pelos frades Terceiros : «Quando o Senhor Rei D. José I, que santa gloria haja, deu esta casa aos Padres, não há duvida que foi para nela terem seus estudos, por ser certo que o Convento de Lisboa não os pode sustentar; e lha deu também pelos conhecidos progressos que os Padres iam fazendo nos mesmos estudos, á sombra do Ex.mo e Rev.mo Bispo de Beja, que do coração os amparava e animava». Idem, p.487.

Estado, combatendo, por isso, as corporações e grupos sociais que tinham visto reforçados os seus interesses na última década do governo de D. João V.

A Alta Nobreza e os jesuítas começam a ser vistos pelo poderoso ministro de D. José como obstáculos à sua política centralizadora, daí a insistência num antijesuitismo que ganhou força e dimensão ideológica com o seu governo.

A oposição aos jesuítas e a outras ordens religiosas sempre esteve latente no país, muitas vezes era a nível dos congregados que essa oposição fermentava e se traduzia no discurso. Essa oposição e crítica, a nível do povo aparece documentada, desde início da Companhia, numa queixa apresentada nas cortes de 1562, relativa às exageradas rendas que possuíam e ao muito que os jesuítas levavam para instruir a mocidade.

Que os da Ordem da Companhia, que ora é muito diferente do que mostrou no princípio, pelo muito que pedem, e têm, que vivam de esmolas, como todos os outros fora de Portugal, e que não tenham próprio, ou se desfaça de todo, e que se lhe tome a renda; os quais começaram a ensinar Latinidade nesta cidade de graça, e agora levam mil cruzados, e por todo tem dezasseis mil cruzados; ou que não haja mais que doze em cada casa⁵.

Com Pombal o anti-jesuitismo passou a ser encarado como fundamental para o processo de centralização política em curso. Expulsos os jesuítas em 1759 e fechadas as suas casas, o poder político teve de fundamentar a sua perseguição e posterior extinção da ordem. Para tal fundamentação, recorreu aos adversários dos jesuítas e como não podia basear-se nas ideias dos evangélicos ou protestantes, encontrou nas correntes jansenistas e regalistas o fundamento esperado. Adversários dos jesuítas, os jansenistas tinham insistido a partir de França numa religião menos ritualizada, baseada mais na leitura e interpretação bíblica e adversa a uma autoridade temporal dos bispos e do papa. Era, na nossa opinião, uma corrente de renovação que assumia aspectos humanistas das ideias de Calvino e Lutero para uma renovação da fé e da doutrina. Era para o projecto político pombalino uma corrente que ia no sentido do reforço do poder real, ao combater o referido poder temporal da Igreja, e particularmente o poder do Papa. Era também uma corrente que combatia os jesuítas e os equiparava à Inquisição⁶.

Sobre a extinção da Universidade um aspecto que convém salientar é o facto de as fontes revelarem que a medida pombalina colheu de surpresa os jesuítas, que apenas esperavam uma estreita reforma e correcção nos estabelecimentos que dirigiam. Surpresa que deve ter sido acentuado pelo cerco feito por um regimento de dragões, ao anoitecer do dia

⁵ BPE, Colecção Manisola, Cod. 42, nº 6 3-9. *Apontamentos, e lembranças, que os Povos propuseram nas Cortes de 1562, para reformação, e bom governo do Reino*. f. 3. Actualizámos a ortografia. Relativamente a outras ordens a crítica não é menos severa: «Que V. Alteza não consinta fazerem-se mais mosteiros no Reino, pelos muitos que há, por serem prejudiciais, e enfadonhos tantos peditórios». Idem, fl. 2v.

⁶ VAZ, 2005.

8 de Fevereiro de 1759, aos Colégios do Espírito Santo e da Purificação. O cerco a este último, embora tendo um estatuto independente relativamente aos jesuítas, já que tinha como principal objectivo a formação de párocos para a diocese, resultou certamente do facto de ter comunicação com a Universidade. Nesse mesmo dia os jesuítas viam terminar o seu ensino e pregação em Évora⁷. Os estudantes viram assim interrompidos os cursos e, ou regressaram às suas terras de origem, ou passaram para Coimbra para prosseguir os cursos, como foi o caso de Bento Farinha.

Podemos também dizer que a medida pombalina não contou com a adesão da comunidade local, que pretendia manter a Universidade e os seus estudos para bem da cidade e das suas gentes. Na verdade, ainda se esboçou uma tentativa local para manutenção dos estudos universitários em Évora, pois os colegiais da Purificação afirmaram publicamente a sua intenção de substituir os jesuítas e pensaram dirigir um requerimento ao rei a solicitar a direcção do ensino na Universidade. Um dos colegiais era o próprio Bento Farinha, que com alguma presunção afirma terem os colegiais «*cabedal suficiente para levarem avante esta corporação de estudos, da mesma sorte, e ainda com melhor reputação de que os jesuítas*»⁸. O requerimento não foi feito, por conselho do Corregedor da Cidade e dos Conservadores da Universidade, que pensaram que os referidos estudos passariam para os Padres que dirigiam o Colégio da Purificação. Mas os Colegiais e Colégio foram abrangidos pelo cerco das tropas e este rigor demonstrado por Agostinho de Novais, terá levantado reservas por parte de muitas pessoas da cidade, que compreendiam e sabiam que os colegiais não eram jesuítas e até tinham um «*espírito muito distinto dos discípulos de Santo Inácio*»⁹. Fechada a Universidade restavam os privilégios dados aos privilegiados: juiz privativo, feira franca na terceira feira do ano, em carne e peixe; que persistiriam até 1769, altura em que um Aviso Real, publicado em Vila Viçosa, os “desaforou” dessas regalias.

Em termos de pedagogia e de ensino, o anti-jesuitismo pombalino teve repercussões positivas a nível dos planos de estudos, mas criou uma situação de ruptura que não tomou em linha de conta as inovações e boas práticas que mesmo entre os jesuítas vinha sendo implementadas.

Começamos pelo primeiro aspecto. De facto, a introdução nos currículos universitários e mesmo nos Estudos Menores do ensino do Direito Natural, da Física Moderna, de

⁷ «*Este foi o último dia dos Estudos da Universidade de Évora; porque ainda que os Jesuítas ficaram nesta Cidade alguns tempos, e celebraram na sua Igreja os Offícios Divinos, contudo nunca mais desceram ao Pátio dos Estudos; pois logo na manhã do outro dia (9 de Fevereiro) Agostinho de Novaes lhe notificou a proibição de confessar, pregar e ensinar em estes Reinos*». Bento FARINHA, in VAZ, ob. cit. p. 297. Parêntesis nosso.

Agostinho de Novais foi o desembargador da Casa de Suplicação, encarregado pelo Marquês de Pombal, para efectuar o “despejo” e para tal tinha todos os poderes.

⁸ FARINHA, idem, ibidem.

⁹ Idem, ibidem.

novas práticas no ensino da Medicina, da História Natural, foram aspectos de grandes repercussões que nunca é demais sublinhar. Os quadros superiores do país passaram com Pombal a ter o ensino científico e o ensino jurídico que à luz das descobertas de então era possível dar nos estabelecimentos públicos. Ensino que tinha objectivos de modernização e desenvolvimento económico do reino.

As rupturas impostas pelo poder foram muitas vezes excessivamente ideologizadas, ou seja, pesou mais a ideologia do momento, que os termos usados para caracterizar a Companhia bem documentam, que verdadeiramente as questões de ensino ou pedagogia. Foi assim que se ignorou a muita prática e teoria que os jesuítas tinham desenvolvido no ensino do Latim, banindo todos os manuais e queimando mesmo publicamente alguns dos livros e tratados, e do mesmo modo se ignorou os progressos feitos nos domínios da Matemática e da Geometria e nas práticas pedagógicas que muitas vezes eram de grande inovação¹⁰. O ensino, mais do que outros domínios, precisa de paz e continuidade e de não estar sujeito aos sobressaltos políticos do momento. Mais do que acender fogueiras para queimar livros, o reformismo precisa da leitura atenta dos livros e manuais anteriores, para os renovar ou reformular a sociedade e particularmente os sectores do conhecimento científico e do ensino. Foi esta atitude de bom senso que faltou e que vemos depois ser um mal crónico da nossa História da educação¹¹.

Com a extinção da Universidade de Évora iniciam-se os “duzentos anos de solidão”¹², mas também de resistência ao conformismo e imobilismo que, aparentemente, a situação criada por Pombal podia evidenciar. Ou seja, o Colégio do Espírito Santo que tinha sido fundado por razões de ensino e pedagogia via em 1759 goradas as suas principais finalidades, mas as suas qualidades intrínsecas, nomeadamente, a sua traça arquitectónica e a vontade dos eborenses, garantiram-lhe a continuidade desses fins.

Os estudos que se apresentam sobre este período da história da Universidade de Évora documentam exemplarmente a continuidade dos estudos, logo no tempo de Pombal com os professores régios, depois com os frades da Terceira Ordem de S. Francisco e com o impulso dado pelo arcebispo Manuel do Cenáculo¹³.

Para esta solidão pesou também naturalmente o “monopólio coimbrão” que durante o século XIX vigiou atentamente para impedir qualquer criação (ou recriação) de ensino

¹⁰ Bons exemplos deste espírito inovador e moderno o uso de azulejos nas salas de aula para ilustrar teoremas e experiências, ou simples retratos da sociedade da época, bem como a utilização de alunos mais velhos, os chamados decuriões, para ministrar conhecimentos aos mais novos. Veja-se sobre estas práticas o estudos MONTEIRO, 2007.

¹¹ Significativo, como já sublinhámos em anterior trabalho, que o anti-jesuitismo ande associado a uma questão de “bom gosto”, expressão que no contexto pombalino significava tudo o que era oposto à pedagogia e ensino dos jesuítas, apelidada de mau gosto ou de servidão aristotélica.

¹² PEREIRA, Sara M. 2007.

¹³ VAZ, 2007.

universitário no país. A elite formada em Coimbra assegurava a manutenção do poder político, com a formação dos quadros superiores, e os governantes subservientes asseguravam o monopólio do ensino universitário para Coimbra. Foi essa a tacanhez e o corporativismo que imperou durante todo o século XIX e que contribuiu de forma decisiva para colocar o país na cauda da Europa em matéria de literacia e ensino. No estrangeiro floresciam novas universidades ou recriavam-se as antigas, dando-lhe planos de estudos mais consistentes e adequados as novas realidades científicas, em Portugal assegurava-se o *status quo* tradicional.

A ideia de retomar o ensino universitário em Évora começa a produzir os primeiros frutos com o congresso de 1959. O congresso, que reuniu estudiosos de vários quadrantes, com o simples facto de se ter realizado para comemorar os 400 anos da Universidade afirmou publicamente e para a comunidade científica a ideia que a Universidade podia ressurgir das cinzas, que as chamas do ensino universitário não tinha morrido e tinham persistido durante duzentos anos¹⁴

4. Os desafios do novo milénio

A refundação da Universidade de Évora, em 1979 – data já por si emblemática e que pela terminação em 9 nos remete para os outros dois momentos altos da instituição – integra-se na afirmação da democracia no país. Podemos dizer que também a Universidade de Évora é uma consequência da Revolução dos Cravos, que trouxe a democracia e a liberdade e consequentemente a possibilidade de refundar o que na tradição era uma fonte perene de conhecimento. A palavra-chave deste período que vai de 1979 a 2009, destes trinta anos de ensino, é a mudança implícita na implantação da era democrática: mudança na estrutura de funcionamento que foi sancionada pelos estatutos, na educação e nos ensinamentos oferecidos, onde se salvaguardou uma forte componente prática, na atitude universalista presente no acolhimento a estudantes e professores. Mudança ainda pelo que a Universidade representou para o país e para a região; constituindo um pólo de desenvolvimento e de renovação demográfica de uma região em vias de desertificação e demonstrando que a descentralização de serviços é benéfica para o país e suas gentes. Por isso, a Universidade de Évora foi um sinal de esperança no futuro, fixou e atraiu novas gentes, deu à cidade muito do seu ser e vida.

A segunda grande transformação, que teve e continua a ter impacto na Universidade, foi a era da informação e do conhecimento, que a revolução das tecnologias da informação

¹⁴ Veja-se *infra* o texto de Maria Helena da Rocha PEREIRA, que foi uma das participantes no evento de 1959 e também nos brindou em 2009 com a sua presença e uma excelente conferência.

originou. Também neste domínio a Universidade fez jus à sua tradição de modernidade, ao revelar grande abertura as novas práticas de informação, quer reformulando a sua estrutura administrativa, quer renovando as práticas pedagógicas e os ensinamentos e adaptando-os a uma sociedade globalizada.

A História da Universidade de Évora demonstra que mais do que grandes homens são precisas boas instituições. Contudo, não podemos esquecer que são os homens e mulheres deste novo milénio que garantirão essa excelência institucional. O que o passado nos ensina é que a Universidade de Évora teve resistência e resiliência ao longo dos tempos, enfrentou tempos difíceis e soube ressurgir das cinzas qual *fénix* renascida.

Os estudos dedicados a este painel demonstram que a inovação e a modernidade continuam a estar na ordem do dia. Como Carlos Marques nos diz no seu texto, os novos estatutos da UÉ, logo no seu artigo 2º, estabelecem que é missão da Universidade ser “*um centro de criação, transmissão e difusão da cultura, da ciência e da tecnologia, que, através da articulação do estudo, da docência e da investigação, se integra na vida da sociedade*”¹⁵. Vemos neste enunciado as ideias que garantem uma articulação entre o passado e o presente da instituição universitária, uma garantia de que a modernidade persistirá.

Por isso, e em jeito de conclusão, a Universidade pode à semelhança dos seus primeiros tempos, marcados pelo espírito humanista e renascentista, tomar como norte a máxima latina que se encontra num dos portões de entrada do Colégio do Espírito Santo: *Ille vos docebit omnia*¹⁶; ou seja, só temos de trilhar os caminhos do conhecimento e da ciência, guiados pela trilogia da razão, memória e imaginação, para cumprir com excelência os fins delineados nos estatutos.

¹⁵ C. *infra* MARQUES, Tempos de Mudança e de Futuro? Parte 4.^a, capítulo I.

¹⁶ A máxima latina é extraída do Evangelho de S. João e refere-se ao Espírito Santo, o Paráclito: «Ele vos ensinará todas as coisas».

Referências Bibliográficas

- Biblioteca Pública de Évora, Coleção Manisola (CBPE), Códice 42, nº 6 3-9. *Apontamentos, e lembranças, que os Povos propuseram nas Cortes de 1562, para reformação, e bom governo do Reino*.
- BRAGA, Teófilo, *História da Universidade de Coimbra*, Lisboa, 1898.
- DENIMAL, Éric, Calvino. *O Arauto de Deus*, Mem Martins, Publicações Europa América, 2009.
- GOMES, João Pereira, *Os Professores de Filosofia da Universidade de Évora 1559-1759*, Évora, 1960.
- GROMICHO, A. (1954) “Liceu Nacional de Évora”, *A Cidade de Évora*, n. 48-49.
- LEITÃO, Henrique, “Azulejos que testemunham uma tradição de ensino científico”, *Exposição Azulejos que Ensinam*, Coimbra: Centro de Matemática da Universidade de Coimbra, 2007, disponível in: http://mmmachadodecastro.imc-ip.pt/Data/Documents/cat%C3%A1logo_azulejos.pdf, consultado em 20-10-2009.
- MONTEIRO, Miguel (2009): “Características Educativas Inacianas. Algumas Reflexões”, *REVUE*, 10-11, pp. 62-77.
- NÓVOA, António e CLARA, T., coord de, *Liceus de Portugal – História, Memórias, Lisboa*, Asa, 2003.
- PEREIRA, Gabriel, *Estudos Eborenses de História e Arqueologia*, Évora, Edições Nazaré, 1947.
- PEREIRA, José Esteves Pereira, *O Pensamento Político em Portugal no Século XVIII*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1989.
- PEREIRA, Sara Marques, “Duzentos anos de Solidão. A deriva da Universidade de Évora (1759-1959)”, *Compêndio Histórico da Universidade de Coimbra*, Porto, Campo das Letras, 2008, pp. 59-90.
- PEREIRA, Sara Marques (2009), “Bases doutrinárias da Reforma Pombalina da Universidade: O *Compêndio Histórico* reeditado”, in *Construção & Desconstrução da Educação na História – Seminário de Investigadores*, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Outubro de 2009.
- PEREIRA, Sara Marques (2009), “Levantada do Chão – A refundação da Universidade de Évora (1973-1979)”, in *REVUE – Revista da Universidade de Évora*, nº 10 e 11, Évora, 2009.
- PEREIRA, Sara Marques (coord. 2011), *Colégio do Espírito Santo – Guia Histórico*, Universidade de Évora, Gabinete de Comunicação e Imagem, 2011.
- VAZ, Francisco, “Jansenismo e regalismo no pensamento e na obra de D. Frei Manuel do Cenáculo”, *Eborentia*, 35, 2005, 61-81.
- VAZ, Francisco, “A Cidade de Évora na vida e obra de Bento Farinha”, *Revista a Cidade de Évora*, Évora, Câmara Municipal, 1996-1997, pp. 447-492.
- VAZ, Francisco, “D. Frei Manuel do Cenáculo e o Ensino no Colégio do Espírito Santo”, *REVUE. Revista da Universidade de Évora*, nº.8, 2007, pp. 30-37.